O mal-estar no trabalho: do excesso ao vazio
M. Laurinda R. Souza

03.05.2008

Passando pela praça da Igreja de Moema, lugar onde se cruzam diferentes habitantes deste bairro outrora residencial, mas que nos últimos anos vem sofrendo grandes transformações arquitetônicas com a construção de prédios comerciais, lojas, livrarias, redes de supermercados e ampliação de serviços, uma placa, na parte superior de uma antiga loja, chama a atenção:

Após 34 anos de trabalho, os proprietários venderam a loja e agora merecem desfrutar a vida. Ela era considerada por muitas pessoas como ponto de referência do bairro.
Eu sou o filho, darei continuidade... mantendo, assim, parte de nossa tradição. Não poderíamos encerrar nossas atividades sem agradecer a todos nossos clientes, fornecedores e amigos que fizeram parte de nossa história. Muito obrigado!

Esta mensagem surpreende pelo inusitado. Hoje em dia não estamos acostumados a este tipo de reconhecimento e agradecimento público. Além disso, a tradição e a valorização da continuidade de uma história familiar também não se encontram em alta no mercado de ações; pelo contrário, é o novo que é sempre incensado. Que se criem redes solidárias em função do trabalho - clientes, fornecedores e amigos - poderia ainda ser um valor, mas sabemos o quanto isso, numa cultura narcísica e individualista, se torna cada vez mais difícil. Mas, é a primeira frase que se abre para algumas questões com as quais pretendo construir esta conversa:

Qual o lugar do trabalho na vida? Com que vicissitudes ele se configura no mundo de hoje? Quais os efeitos dessas configurações - sejam os que atravessam a cultura, sejam os que se desdobram em decorrência da forma pela qual o trabalho se inscreve ou não na vida dos sujeitos? Do trabalho compulsivo - que faz com que os sujeitos se tornem robotizados - à impossibilidade de se incluir no mundo do trabalho - que faz com que os sujeitos se sintam fora da comunidade humana, há uma série de sofrimentos que podem ser pensados como efeitos da cultura narcísica e violenta de nossos tempos. O rompimento dos laços sociais e da tradição, confronta-nos, hoje, com um momento de passagem... Que possibilidades se vislumbram para fazer frente a esses sofrimentos?

Se fizermos uma análise mais detalhada da mensagem deixada pelo filho, duas contradições se evidenciam no discurso: primeira e mais evidente: há uma dicotomia suposta entre o mundo do trabalho e o mundo do prazer - só agora, passados tantos anos é que os pais poderão desfrutar a vida -, e, segunda, o tom dessa primeira frase não se sustenta no que vem a seguir: pois aí se apontam para várias marcas de reconhecimento e, portanto, podemos supor, de realização e prazer decorrentes do trabalho; ser um ponto de referência, construir laços sociais, fazer história, deixar um legado para a geração seguinte... Ou, estará nessa contradição, a ambigüidade própria do espaço do trabalho: lugar conflitante onde se atualizam satisfações de diferentes pulsões; onde se passa grande parte da vida, onde se vivem relações ora

intensas com os outros - de afeto e de rivalidade - ora de isolamento e de insuficiência, às vezes devastadores.

Em nota de rodapé ao Mal-estar na cultura, Freud (1930) acentuou o valor libidinal e cultural do trabalho:

"Nenhuma outra técnica de condução da vida liga o indivíduo tão fortemente à realidade como a insistência no trabalho, que ao menos o inclui de forma segura num fragmento da realidade, a comunidade humana. A possibilidade de deslocar sobre o trabalho profissional e sobre os vínculos que a ele se enlaçam, uma considerável medida de componentes libidinais, narcisistas, agressivos e até eróticos, lhe confere um caráter indispensável para confirmar e justificar a vida em sociedade (p.80).

Será, ainda, o trabalho uma possibilidade de inclusão segura na comunidade humana? Ou melhor, haverá possibilidades de inclusão seguras? Já aqui podemos nos deter sobre um dos impasses característicos dos tempos atuais e que vão atravessar todos os dispositivos institucionais: a modernidade está estreitamente ligada à idéia de progresso e à valorização positiva da novidade. Em seu interior, gesta-se a imagem de um sujeito criativo, poético, convocado continuamente para a construção de sua singularidade e para a organização da coletividade, mas também, a de um homem burocratizado, alienado, coisificado, impotente e desencantado com o mundo. O mundo da produção e do consumo propõe, de forma nem sempre explícita, um amalgamento dessas duas vertentes. Desenvolve-se, facilmente, um imaginário social de que tudo que permanece é efeito do conservadorismo e do conformismo e de que tanto os objetos quanto os sujeitos poderiam ser facilmente descartáveis. A ultrapassagem é uma palavra de ordem. Afinal, como se tornou conhecido vulgarmente, o dito popular revela esse movimento constante: "A fila anda". Não há tempo para chorar os que ficam pelo caminho ou para amparar os que caminham trôpegos às voltas com as conseqüências dos atropelamentos sofridos.

Segurança é uma forma antiga e tradicional de estar no mundo. Ela foi substituída pela idéia de Risco. Esta palavra - risco - derivou sua origem de um termo náutico espanhol e significa "correr perigo" ou "ir contra uma rocha". O homem do passado podia submeter-se a mortificações e sacrifícios, pois eles lhe garantiam reconhecimento, o investiam de uma responsabilidade limitada e previamente definida, e o ligavam aos demais por meio de todo tipo de deveres rotineiros. Não havia a angústia, própria da modernidade de ter que se inventar cotidianamente e ter que dar contas, o tempo todo, de sua capacidade produtiva. Nas últimas décadas, a noção de risco radicalizou-se; tornou-se um "jeito de viver" no qual o excesso está sempre presente e vencer os limites, não importando os custos, tornou-se o grande desafio.

No mundo do trabalho essa necessidade contínua de prestar contas para garantir seu lugar, aparece, muitas vezes, com as roupagens das compulsões, tornando-se, aos poucos, o único espaço de uma precária afirmação possível. A tecnologia, com suas inovações contínuas, e sua penetração em todos os âmbitos, permite que o trabalho se estenda para além do tempo e espaço

contratados; trabalha-se no escritório, na fábrica, nos intervalos de almoço, às noites, nos finais de semana e nas férias. Estamos conectados o tempo todo; a qualquer momento podemos ser encontrados para esclarecer ou resolver um problema. Esquecer o celular ou desligar o computador, ficar desconectado - seja material, seja simbolicamente (manter-se atualizado, reciclar-se permanentemente) - pode ser motivo de ansiedade e dispersão confusional. As queixas tão freqüentes de cansaço, apatia, insônia, irritabilidade, são efeitos dessa forma de existir. Mania e depressão serão as faces reconhecidas pela cultura contemporânea, desse mal-estar. E a medicalização ou a exclusão sua forma de tratamento.

Um relato anedótico nos aponta para os efeitos dessa transformação do lugar do trabalho de espaço de reconhecimento e realização criativa, para a robotização alienante e compulsiva. Entre a atividade profissional, escolhida livremente e vivida como uma possibilidade sublimatória e a reprodução em série do mundo robotizado do trabalho - produtor de objetos úteis para a comercialização compulsiva, é o lugar do sujeito que se coloca em questão. O exemplo pode ilustrar, como metáfora, o alto custo desse tipo de trabalho.

O etnólogo Jean Malaurie, em seu livro Os últimos reis de Thulé, relata o encontro comercial de um grupo de esquimós, habitantes do Ártico, com um grupo de americanos, participantes de uma base atômica:

"Um jovem americano pede-me que diga a um esquimó que acaba de fabricar uma figura de marfim: 'Please, tell the Esquimó para raspar muitos assim para mim. More! Que elas sejam iguaizinhas. Mas diga-lhe que deve diminuir o preço à medida que aumenta a quantidade.
Darei Five dollars por cada um, ao invés de ten. Traduzo. O esquimó assusta-se. - Não é possível!

Diga a ele, a este Qraslounaq mau que quanto mais parecidas houver mais caro será, pois será mais desagradável refazê-las!"[1]

O trabalho, quando desprazeroso, mesmo que realizado automaticamente, como se não tivesse custos, acaba por mimetizar os homens aos objetos fabricados: correm o risco de se verem coisificados.

O homem moderno está permanentemente confrontado com sua condição de desamparo, insuficiência e vulnerabilidade. A transformação nas formas de trabalho e de ocupação do tempo, que acompanharam os desdobramentos da revolução industrial e a reprodução ampliada do capitalismo, acentuaram esses aspectos e culminaram na produção de "resíduos humanos" (Bauman, 2001) - seres supérfluos e desperdiçados, e na inutilização de formas anteriores de subsistência. O surgimento do individualismo, com o início do Renascimento, libertou, gradativamente, o homem moderno dos grilhões da autoridade e da tradição, mas, ao retirar-lhe a segurança de um lugar predeterminado, lançou-o na "era de um tormento perpétuo" (Bruckner, 1995). Sua impossibilidade em se incluir nos espaços reconhecidos pela cultura, em se destacar , em afirmar o brilho narcísico do eu, em suportar a existência

do outro - vivido como rival, inimigo, competidor - torna-o alvo fácil das manifestações sintomáticas do narcisismo na forma de depressões, auto-acusações ou revoltas odiosas e violentas. Os ciúmes e as invejas tornaram-se afetos dificilmente suportáveis e sua resolução, pode levar, nos casos extremos, à eliminação do outro.

Por outro lado, a alienação no trabalho pode ser entendida como uma tentativa de fuga do desamparo, do conflito, da "esperança louca" de que o risco, a insegurança e o sofrimento psíquico desapareçam. O objeto que poderia ser fonte de prazer e realização sublimatória, torna-se objeto de necessidade e, portanto, demandante de uma submissão incondicional dos sujeitos. O risco do desemprego acentua essa sujeição. A não-inclusão no mundo do trabalho tem mostrado conseqüências drásticas - revolta dos jovens marginalizados, depredações, queima de bens materiais - símbolos de uma cultura perversa que não permite o reconhecimento de uma parcela significativa de sua população.

Sabemos que os projetos identificatórios se constroem a partir dos sinais de pertinência e reconhecimento que o olhar dos pais (marcado por suas histórias e por seu lugar na cultura) e, depois, os olhares dos outros, oferecem a cada sujeito que faz sua entrada no mundo. Os que não conseguem ter acesso aos lugares tidos como privilegiados, crescem identificados a um não-lugar ou a um lugar de deterioração, de humilhação social - meninos de rua, vagabundos, favelados, desempregados... Nessas condições, a submissão e a violência são respostas possíveis a essa desqualificação; são formas de construir um lugar.

Nos últimos anos, o Japão se deparou com uma doença que os especialistas nomearam como "estado hikikomori"; doença do isolamento, da renúncia ao social. Suas características revelam os sintomas de uma profunda indiferença pelo mundo; de apatia. Seu quadro típico é o de um rapaz jovem que mora com os pais e abandona o trabalho ou os estudos, recusa-se a ver os amigos e se retira para o seu quarto. É significativo que esse quadro ocorra numa sociedade que há muito sofre pelo alto índice de suicídio em suas crianças e jovens, que se jogam nas linhas de trem, rejeitando, na vida real, a velocidade e as exigências sobre-humanas de seus dotes intelectuais e de sua capacidade para se tornarem vencedores. A "mobilização frenética" e violenta das sociedades pós-industriais encontra como resposta a "imobilidade radical". Esse movimento, esporadicamente, se inverte: alguns desses jovens saem disruptivamente de seu isolamento e vão para a rua cometendo atos de agressão e atentados de morte.

Nessas características evidenciadas pela modernidade: busca incessante do novo, de um reconhecimento idealizado e que, portanto, é sempre insuficiente, exclusão perversa dos que não se adéquam ou estão fora do mercado produtivo e consumista e não conseguem, portanto, reproduzir o valor maior do capitalismo - dinheiro e bens materiais, agilidade de respostas e intensidade contínua das ações -, a idéia de história torna-se precária e os laços de solidariedade e reconhecimento coletivos passam a inexistir. Os

lemas são: "cada um por si", "a vida não pode parar" , "o que importa é vencer". "viva o momento", "bom é ser popular", "seja feliz"...

Não é, então, realmente inusitada a mensagem com que iniciamos esta conversa?

Após 34 anos de trabalho, os proprietários venderam a loja e agora merecem desfrutar a vida. Ela era considerada por muitas pessoas como ponto de referência do bairro.
Eu sou o filho, darei continuidade... mantendo, assim, parte de nossa tradição. Não poderíamos encerrar nossas atividades sem agradecer a todos nossos clientes, fornecedores e amigos que fizeram parte de nossa história. Muito obrigado!

Referências bibliográficas:
BAUMAN, Z. Modernidade líquida, Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
BRUCKNER, P. La tentación de la inocência.Barcelona: Anagrama, 1996.
FREUD, S. (1930) "O mal-estar na cultura". Obras completas. Buenos Aires: Amorrortu, 1994, v. 21.
SOUZA, M.L.R. Violência. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
ZALTZMAN, N. A pulsão anarquista. São Paulo: Escuta, 1994.